**Aprendizagem Social: uma Visão Evolucionista – Aula 18 de maio**

**Isabella França Ferreira**

**Questões e reflexões sobre o texto “Action, the foundation for cognitive development” de Claes Von Hofsten (Suécia)**

Achei que o conceito do que seria “percepção-ação” ficou bem mais claro após esse texto e que constantemente precisamos “perceber” para “agir” e “agir” para “perceber”, ou seja, são conceitos indissociáveis.

Gosto da mudança de paradigma que essa literatura trouxe para compreender os movimentos neonatais que antes eram tratados como reflexos (inflexíveis e não sujeitos a aprendizagem), mas que, na verdade, são funcionais, direcionados para um objetivo e flexíveis. Portanto, a agência do bebê passa a ser levada em conta.

Em relação as motivações para a ação, anteriormente não havia pensado para além da motivação exploratória (aprender sobre suas próprias capacidades e curiosidade para descobrir o mundo a sua volta). O fato de a motivação vir também do próprio prazer do bebê em se mover e do social (o texto cita um estudo em que, na maioria das vezes, as crianças apresentavam seus objetos para os pais) é muito interessante e me fez refletir sobre o prejuízo que as crianças teriam em seu desenvolvimento quando há negligência parental e que a literatura de “percepção-ação” poderia ajudar bastante a compreender os processos que levam a esse “prejuízo”.

A seguir pontuarei algumas dúvidas e reflexões específicas que surgiram no decorrer da leitura:

1. Fiquei curiosa sobre o que a Psicologia Ecológica elabora sobre as deficiências ditas cognitivas, porque penso que quando consideramos a ação como a fundação do desenvolvimento cognitivo, podemos pensar em melhores intervenções e melhores formas de realizar a inclusão de indivíduos com essas deficiências. Será que podemos considera-las como tal, pensando em percepção-ação? O quanto dessas deficiências são causadas pela própria falta de estímulo desde o início do desenvolvimento e/ou pela sociedade já considerar que essas crianças são incapazes de explorar e realizar determinadas tarefas?
2. A teoria de percepção-ação deixa claro pra mim, mais uma vez, a importância da brincadeira livre para viabilizar a exploração da criança e, consequentemente, seu desenvolvimento cognitivo. A brincadeira livre vem sendo cada vez menos “usada” em creches no nosso sistema educacional, sendo substituída por brincadeiras orientadas e supervisionadas.
3. O autor usa o comportamento de “sugar” como um dos exemplos de sistemas de ação presentes em recém-nascidos. Ele cita que a frequência deste comportamento pode ser “usada” pelo bebê para obter outras vantagens, como por exemplo, regular um evento visual ou para ter acesso à voz da mãe. Gostaria de saber como foram realizados esses experimentos para chegar a tais conclusões (que me causaram estranhamento).
4. A teoria dos neurônios espelhos e a teoria da mente são teorias “opostas”? Tinha a impressão que uma teoria complementava a outra (os neurônios espelhos sendo o mecanismo que explica a teoria da mente), mas, com o texto, fiquei com a impressão que elas são de alguma forma diferentes.
5. Tive um pouco de dificuldade em relação aos gráficos da figura 1. Esses gráficos são referentes a um experimento realizado para verificar se os sujeitos de pesquisa produzem movimentos oculares similares aqueles que estão realizando a tarefa. Essa similaridade indicaria que a hipótese do sistema de neurônio espelho (entender as ações de outras pessoas projetando-as em nossos próprios programas de ação) estaria correta. Não entendi exatamente o que seriam os três referenciais do gráfico: “*human agent*”, “*self-propelled motion*” e “*mechanical motion*” e não sei se entendi corretamente que os adultos olham para o “alvo” antes mesmo dos movimentos serem realizados.

**Resumo do Texto “A Perception-Action Perspective on Tool Use Development” de Jeffrey J. Lockman**

O objetivo do artigo é propor que o uso de ferramentas seja estudado a partir da perspectiva da percepção-ação. O autor argumenta que as origens do uso de ferramentas em humanos podem ser encontradas durante o primeiro ano de vida das crianças, em suas rotinas de percepção-ação. Essa visão seria diferente da visão dominante da literatura que considera o uso de ferramentas fruto de uma conquista desenvolvimental descontínua (produto de um *insight*), atingida através de um salto cognitivo que garante o pensamento relacional e simbólico. A primeira implicação que a nova perspectiva traz seria que a emergência do uso de ferramentas ocorre por meio de um processo de descoberta e exploração contínuo e gradual e que, portanto, os comportamentos de tentativa e erro seriam oportunidades de aprendizagem através da exploração de *affordances.* Para exemplificar isso, o autor cita um estudo longitudinal que reportou uma grande variabilidade individual na forma como os bebês seguram uma colher e que, a partir de uma dada idade, um tipo de forma se torna predominante. A partir dessa exploração, as crianças conseguem “detectar” qual seria a forma de usar a ferramenta com maior estabilidade e eficiência. Entretanto, para usar uma ferramenta, as crianças não apenas necessitam detectar *affordances* entre objetos e superfícies, mas também relacioná-los através da ação, o que envolve habilidades espaciais. É daí que parte a segunda implicação, ilustrada pelo “experimento dos cubos”, em que as crianças precisam fazer sons usando os cubos que são compostos metade por esponja e metade por madeira. Os resultados mostraram que crianças de 6 a 10 meses conseguem fazer barulho chocando o cubo contra a superfície da mesa, mas não conseguem chocar um cubo contra o outro. Isso ocorre porque crianças nessa idade tem dificuldade em coordenar diferentes quadros de referência espacial. A terceira implicação seria mais prospectiva, isto é, o autor propõe que as pesquisas foquem nas ações que as crianças realizam enquanto usam as ferramentas e verifiquem se elas são similares aquelas usadas por bebês no seu primeiro ano de vida enquanto exploram os objetos e ambiente a sua volta. Por fim, o autor afirma que a possibilidade de que as ações e percepções infantis sejam incorporadas posteriormente no uso de ferramentas é consistente com a ideia que a evolução não ocorre com a criação de habilidades novas, mas sim a partir de capacidades e potenciais que já estão disponíveis e sendo desenvolvidos pelos organismos.